



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CÂMPUS I- CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

RISELDA ARAGÃO DA SILVA

**ENSINO REMOTO NA PANDEMIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO
EXERCÍCIO DOCENTE NA ZONA RURAL**

**CAMPINA GRANDE-PB
2022**

RISELDA ARAGÃO DA SILVA

**ENSINO REMOTO NA PANDEMIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO
EXERCÍCIO DOCENTE NA ZONA RURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Profa. Dra. Lígia Pereira dos Santos

**CAMPINA GRANDE-PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Riselda Aragao da.
Ensino remoto na pandemia [manuscrito] : desafios e possibilidades do exercício docente na zona rural / Riselda Aragao da Silva. - 2022.
55 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Lígia Pereira dos Santos ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Educação rural. 2. Covid-19. 3. Ensino remoto. 4.
Professor. 5. Prática metodológica. I. Título

21. ed. CDD 370.11

RISELDA ARAGÃO DA SILVA

**ENSINO REMOTO NA PANDEMIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES
DO EXERCÍCIO DOCENTE NA ZONA RURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Aprovado em: 04/04/2022.

Nota: 9,0.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Lígia Pereira dos Santos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Semirames do nascimento silva

Profa. Dra. Semirames do Nascimento Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.M.S.c. Marlon Tardelly Morais Cavalcante
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus avós maternos Aluízio Camelo da Silva (*in memorian*), Antônia Aragão da Silva e a minha mãe Roselia Aragão da Silva (*in memorian*), que sempre trabalharam como agricultores na zona rural e nunca tiveram a oportunidade de serem alfabetizados, ao meu filho Isaque Aragão da Cruz Costa que está iniciando sua vida escolar com maiores oportunidades e a todas as crianças que moram na zona rural, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao grandioso Deus, por me conceder o dom da vida e por muitas vezes me dar forças para não desistir mesmo diante das dificuldades.

A Universidade Estadual da Paraíba, pela oportunidade de ingresso e por contribuir significativamente na minha formação tanto profissional quanto pessoal.

A minha querida orientadora Professora Dra. Lígia Pereira dos Santos, pela paciência nas orientações, pela oportunidade de conhecê-la, e sobretudo pelo carinho e incentivo para a conclusão deste trabalho, minha admiração e respeito a esta mulher incrível.

A banca formada pelo professor Marlon Tardelly Morais Cavalcante e pela professora Semirames do Nascimento Silva, por fazerem parte deste momento tão importante na minha vida e por enriquecerem este trabalho, minha eterna gratidão.

A professora Maria do Rosario Gomes Germano Maciel pela oportunidade de revisitar meu passado proporcionada pelo “Baú de memórias”, meu carinho e gratidão.

A professora Nelsânia Batista pelas contribuições com seus conhecimentos acerca da Educação no Campo, meu carinho e gratidão.

Aos professores(as) que compartilharam de suas experiências e realidades para enriquecer meu trabalho, meu carinho e respeito.

A todos(as) educadores (as) que contribuíram com seus conhecimentos durante a minha trajetória escolar desde a educação básica até o ensino superior, minha gratidão.

Aos meus familiares que me apoiaram e me incentivaram durante esta longa jornada, de modo bem especial a minha tia Josina Francelina Aragão da Silva e ao meu tio Rogério Aragão da Silva, por me ajudarem no início da minha vida acadêmica.

Ao meu esposo Djair da Cruz Costa, por me incentivar e estar ao meu lado nos momentos difíceis, por sempre me ajudar e apoiar para a conclusão deste curso.

Por fim, a todos (as) os(as) colegas de turma que contribuíram de forma indireta e direta na minha formação, e de modo especial as minhas amigas Ana Lúcia Sales, Manuela da Silva Barbosa e Maria Vanderlânia Sousa de Freitas pelo incentivo e apoio.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.
(Paulo Freire)

RESUMO

Teve-se como objetivo destacar os desafios e as possibilidades do exercício docente na zona rural durante o ensino remoto na pandemia da Covid-19. Para tal foi utilizada a metodologia exploratória de abordagem qualitativa, na qual os dados foram coletados por meio de um questionário de forma online com uso do *Google Forms*. (Formulários do Google), onde o link do formulário eletrônico foi disponibilizado aos docentes que atuam nas escolas públicas municipais do campo, e para suas identificações foram utilizados pseudônimos. Este contou com o aporte teórico os estudos de Kenski, Bourdieu, Caldart, entre outros. A pandemia mostrou duas realidades: à grande desigualdade social existente na zona rural pela falta de acesso à internet e que as tecnologias digitais da informação e comunicação possibilitam aos docentes a inovação de suas práticas metodológicas na Educação do Campo. Os resultados obtidos na pesquisa apontam que a educação pública nas escolas do campo é um grande desafio a ser enfrentado seja no modelo remoto ou presencial de ensino.

Palavras-chave: Educação rural. Covid-19. Ensino remoto. Professor. Prática metodológica.

REMOTE TEACHING IN THE PANDEMIC: CHALLENGES AND POSSIBILITIES OF THE TEACHING EXERCISE IN THE RURAL AREA

ABSTRACT

The objective was to emphasize challenges and possibilities of teaching in rural areas during remote teaching in the Covid-19 pandemic. For this purpose, the exploratory methodology of a qualitative approach was used, in which data were collected through an online questionnaire by use of Google Forms platform. (Google Forms), in order to turn available, the URL address of the electronic form to teachers who work in municipal public schools in the countryside, and pseudonyms were used for their identification. The current study had the theoretical contribution of the studies of Kenski, Bourdieu, Caldart, among others. The pandemic showed two realities: the great social inequality that is notable in the rural area due to the lack of access to internet and also which digital information and communication technologies allow to teachers innovate their methodological practices in Rural Education. The results obtained in the research indicate that public education in rural schools is a wide challenge to be endured, either in the remote teaching or face-to-face teaching attendance.

Keywords: Rural education. Covid-19. Remote teaching. Teacher. Methodological practice.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Como a Covid-19 afetou o ensino e aprendizagem.....	31
Figura 2 - Localização geográfica das cidades em torno do município de Campina Grande-PB	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CNE - Conselho Nacional de Educação

CME - Conselho Municipal de Educação de Campina

ERE - Ensino Remoto Emergencial

EJA- Educação de Jovens e Adultos

EAD- Ensino à Distância

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB- Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC- Ministério da Educação e Cultura

MST- Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

OMS - Organização Mundial de Saúde

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

SEDUC - Secretaria Municipal de Educação

TDIC's - Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 APORTE TEÓRICO	16
2.1 O MEIO AMBIENTE E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO DA COVID-19.....	16
3 A EDUCAÇÃO NO CAMPO	19
3.1 Breve Histórico.....	19
4 ENSINO REMOTO NA PANDEMIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO EXERCÍCIO DOCENTE.....	22
5 METODOLOGIA	35
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	38
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2019 foi marcado pelo avanço da pandemia causada pelo novo coronavírus¹, o qual ficou conhecido por Covid-19. Em outros contextos pandêmicos como na Idade Média com a peste Bubônica, o conhecimento científico e as tecnologias não eram avançados, bem diferente do século XXI, no qual estamos vivenciando um contexto atual da pandemia da Covi-19, e que a partir da a Revolução Industrial dispomos de ciências e tecnologias cada vez mais avançadas, pois estamos na era da informação e da globalização, onde as tecnologias auxiliam e transmitem em tempo recorde todas as novidades e notícias, fazendo com que fiquemos cientes do que está sendo produzido, a sociedade acompanhe e estejam inteirados sobre as informações, conseqüentemente, diminuindo o temor e tendo confiança de que algo está sendo realizado, mesmo que distante fisicamente, mas próximos ante a tecnologia.

As tecnologias e a educação são indissociáveis assim como explica Vani Kenski (2007) no texto “tecnologias também servem para fazer educação”; ou seja, na atual conjuntura as tecnologias são algo inerente ao ser humano, seus comportamentos são reflexos da dinamicidade vista no âmbito tecnológico assim como no âmbito virtual.

No Brasil, os impactos nas áreas de Educação, Economia, Meio Ambiente, Cultura, dentre outros aspectos são inumeráveis. Diante desse terrível contexto pandêmico, as aulas presenciais foram suspensas por tempo indeterminado e foi aconselhado a criação e aplicação de um Ensino Remoto Emergencial (ERE) em todos os níveis de educação, desde a infantil até a superior. E sobretudo, na

¹Em dezembro de 2019, foi encontrado na cidade de Wuhan - China um novo tipo de coronavírus conhecido como SARS-CoV-2, o qual causa a doença Covid-19 e que em pouco tempo descobriu-se seu alto poder de contágio através do ar e contato direto e/ou indireto entre os seres humanos, com isso passou a ser um problema global e não apenas local, pois a primeira morte causada por esta doença ocorreu em 09 de janeiro de 2020, isto era preocupante pelo fato que nesse período havia o aumento das viagens para a China devido o Ano -Novo chinês. Em 15 de fevereiro do mesmo ano, esta preocupação tornou-se realidade após a confirmação de um novo caso de corona vírus, em uma mulher norte-americana de 83 anos em um cruzeiro denominado: *Westerdam*, que tinha um total de 1455 passageiros e 802 tripulantes a bordo.

educação do Campo, e como forma de combate da propagação da nova corona vírus a OMS estabelece a quarentena em determinados níveis de acordo com as necessidades intrínsecas de cada região mundial. A modalidade de ensino remoto, apesar de totalmente imprescindível, se mostra extremamente desafiadora para professores, alunos, pais/responsáveis, assim como os demais membros da comunidade escolar, a qual em seu parágrafo primeiro descreve como atividade remota, aquela atividade não presencial, onde estas devem ocorrer pela mediação das tecnologias, mídias digitais, meios de comunicação ou na utilização de recursos impressos. Em conformidade com Bourdieu (1979), “A herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito”.

Dessa forma, esta pesquisa visa responder a seguinte pergunta: quais desafios vêm sendo enfrentados pelos docentes e alunos (as) durante o ERE na zona rural? Para responder a essa questão, temos como objetivo geral, Identificar os desafios e as possibilidades do exercício docente na zona rural, e como objetivos específicos: Relatar as experiências na prática docente na pandemia com os(as) alunos(as) da zona rural, elaborar questionário com os (as) docentes que atuam nas escolas do campo e discutir os resultados obtidos.

A escolha da temática foi acalorada a partir do componente curricular Ensino de História, o qual foi ministrado pela professora Maria do Rosario Gomes Germano Maciel, quando me propôs o “Baú de memórias”, e ao fazer o resgate das “minhas memórias”, no qual pude revisitar o meu o passado em uma proposta de Paulo Freire, me levou a inquietação para refletir sobre as dificuldades que as crianças da zona rural enfrentaram com o ensino remoto na pandemia, ao relacionar com a lembrança de que quando criança comecei a estudar no Grupo Escolar João Peres localizado no Sítio Maracajá, município de Queimadas-PB, no qual iniciei em meados do ano de 93 a minha primeira série da alfabetização, onde as condições de ensino e aprendizagem eram muito precárias, pois eu sentava todos os dias em uma cadeira quebrada, e era uma única professora para ensinar a uma grande quantidade de alunos(as) em uma sala multisseriada.

A estrutura física da minha escola era bastante antiga, pintura muito desgastada, o piso era de cimento com rachaduras, tinham dois banheiros (meninos e meninas) com portas, no entanto, nestes possuíam somente os vasos sanitários sem “tampa”, as paredes eram muito sujas, não existia água encanada muito menos pias para lavar as mãos, não tinha bebedouro, a merenda escolar era enviada pela prefeitura em quantidade insuficiente, pois durava apenas duas semanas e demorava meses para chegar novamente na escola, isto era muito ruim, pois eu não tinha lanche para levar para a escola no restante da semana. Com relação aos recursos didáticos pedagógicos, os mesmos eram insuficientes, não fazíamos atividades lúdicas, pois só utilizávamos lápis, caderno, borracha e o livro didático, para fazer cópias e ditados, muito diferente dos recursos e materiais pedagógicos dos quais se tem hoje, nem mesmo um quadro de giz de madeira existia, pois minha professora escrevia na própria parede da escola, havia pouquíssimos livros didáticos.

Outra grande dificuldade foi quando eu concluí a 4ª série em meados do ano 2000, sendo necessário eu continuar a 5ª série do ensino fundamental até o ensino Médio na escola da cidade de Queimadas-PB, e mesmo a prefeitura disponibilizando um ônibus para fazer o nosso transporte para a escola na zona urbana, me deparava com situações difíceis, principalmente no período chuvoso de inverno, que impedia à passagem do ônibus nas estradas devido a lama e eu sempre me deslocava a pé da minha casa de “baixo” de chuva ou sol para o Colégio “ O Ernestão” situado na cidade, pois meus avós maternos não tinham condições financeiras para custear a minha passagem nos ônibus que fazia a “linha” Campina Grande-Queimadas-PB, os quais passavam a cerca de 3km do meu sítio até a “pista”, muito menos quando o ônibus quebrava ou quando o motorista não nos levava devido ao atraso de pagamento pela prefeitura, no qual este último era um problema recorrente. Logo muitas das crianças que moram e estudam na zona rural enfrentam essas dificuldades chegando até mesmo a não concluir todas as etapas do ensino básico.

Essa reflexão também foi possível a partir do Componente de Educação Sociedade e Meio Ambiente, ministrado pelo professor Marlon Moraes Cavalcante, no qual pude compreender que não só a Educação Ambiental é vital para a

sobrevivência humana seja nos espaços rurais seja nos espaços urbanos, mas também a prática pedagógica docente como papel fundamental para a formação de cidadãos críticos e reflexivos nas escolas no campo ou na cidade, e tendo a educação como ferramenta na transformação para uma consciência sustentável coletiva em nossa sociedade.

Ao dialogar com o componente de Educação do Campo, ministrado pela professora Nelsânia Batista, me instigou ainda mais a refletir sobre as dificuldades enfrentadas tanto pelos (as) professores(as) quanto pelos (as) alunos(as) no processo de ensino e aprendizagem nas escolas do Campo durante o período da pandemia, pois na maioria das vezes na prática educativa das escolas do campo o que se “ensina e aprende” é muito distante da realidade das pessoas que nele vivem, uma vez que, sendo neta de agricultores e passado desde a infância até a vida adulta na zona rural, nunca houve uma cultura de valorização das vivências na minha comunidade, das práticas e dos conhecimentos que existem nas famílias agricultoras seja na escola do campo ou na escola da cidade.

Neste sentido, o componente de Trabalho e Educação, ministrado pela professora Lígia Pereira dos Santos, ao promover debates sobre o livro “A vida na escola e a escola da vida” me possibilitou articular a formação dos sujeitos para o mundo do trabalho em nossa sociedade, a qual perpassa pela educação, no entanto como mostra a charge na obra, o acesso à educação para as crianças da zona rural na realidade lhes é negado, pois nestas muitas das vezes é um lugar de reprodução da desigualdade social, com maiores oportunidades para as crianças das classes mais ricas em detrimento das crianças advindas das classes mais pobres, filhos (as) de trabalhadores rurais e urbanos e que já trazem consigo o estigma de fracasso e que nunca conseguiram ascender socialmente, conseguir um bom emprego ou a ter o tão sonhado diploma.

O trabalho está estruturado em três segmentos: no primeiro, foi realizado o levantamento bibliográfico sobre o meio ambiente; a educação ambiental no contexto da covid-19 e a educação do campo no campo; no segundo abordamos as implicações do ensino remoto para o exercício docente e no terceiro segmento, mostramos os resultados e discussões obtidos nas entrevistas.

2 APORTE TEÓRICO

2.1 O MEIO AMBIENTE E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO DA COVID-19

Aprendi com o professor Marlon que o Meio Ambiente é um conjunto de interações e relações que se estabelecem nas suas diferentes formas, visando a manutenção da vida humana e do planeta, e neste contexto a criança da zona rural também faz parte desta natureza e precisa ser cuidada e atendida, devido ao processo excludente que esta vive passando no meio ambiente da zona rural em que vive, sendo este entendido também como um bem e direito comum a todos (as) e que precisa ser cuidado e preservado, pois sua natureza é imaterial, ou seja, mesmo que não seja algo palpável tem-se o direito a ele como afirma Huning Birnfeld e Carlos A. (2013).

Pode-se dizer, portanto que o conceito de meio ambiente é amplo, abrangendo além dos aspectos físicos, químicos e biológicos que mantêm as funções vitais do planeta, e por consequência garantem a sobrevivência da espécie humana junto com as demais, abrange também a proteção da cultura humana em suas mais variadas manifestações, tudo ainda com foco em assegurar o meio ambiente ecologicamente equilibrado para gerações presentes e futuras. (HUNING BIRNFELD; C. A, 2013, p.13)

Com base na perspectiva dos autores acima, é preciso cuidar do nosso planeta para a preservação das diferentes formas de vida, bem como a cultura em que os sujeitos estão inseridos no meio em que vive, ao relacionar o meio ambiente com a Educação no Campo, visando desenvolver desde cedo nas crianças da zona rural a consciência ética sobre o mundo em que vive e social sobre o direito a uma Educação no Campo que valorize suas cultura e realidades de sua localidade, a preservação e conservação do meio em que vivem, esta precisa ser pautada na Educação Ambiental (EA), pois para Mélo e Barros (2020), “a EA pode ser classificada como universal sob a perspectiva educativa, afirmada na construção de cidadania, resultante na consciência dos direitos e deveres de todos que compõe o meio ambiente”.

Ao corroborar neste pensamento Carvalho (2004 apud. BUCZENK, 2017) diz que: “com perspectiva de uma EA crítica, a formação incide sobre as relações do indivíduo e sociedade e, neste sentido, indivíduo e coletividade só fazem sentido se pensados em relação”.

Dessa forma, é de fundamental importância que a educação ambiental na prática das escolas do campo leve em consideração o contexto atual da pandemia pela covid-19 que estamos vivenciando. Embora, esta trouxe impactos negativos e irreparáveis no mundo todo, de certa forma também contribuiu de forma mínima para o meio ambiente, como exemplo disso, a redução de emissão de gases na atmosfera nas grandes cidades, redução na poluição das águas, etc., com isso proporcionou importantes reflexões sobre as questões ambientais em nosso país na relação do homem com o meio ambiente.

No entanto, é preciso refletirmos na situação atual no nosso país, no qual visa o favorecimento do sistema capitalista de produção e consumo pela classe dominante, onde este tem prejudicado a relação do homem com a natureza, bem como na preservação da vida em nosso planeta. Uma vez que, este sistema visa apenas o lucro e o progresso em detrimento dos direitos sociais das classes menos favorecidas (os quilombolas, indígenas; ribeirinhos; sem – terras; sem – tetos e desempregados) e do cuidado com meio ambiente. Posto isso, alega Mélo e Barros (2020), “É necessário que o homem se conheça e entenda que faça parte da natureza, somente assim poderemos caminhar para um desenvolvimento que envolva para além das questões econômicas”.

Para tanto, é preciso que desde cedo seja desenvolvido nas crianças nas escolas da zona rural ou urbana a consciência ambiental sustentável, para que estas se entendam como parte indissociável do meio ambiente, para que esta compreenda que suas ações de cuidado ou não do meio em que vivem trazem consequências positivas e negativas para as gerações futuras.

Neste sentido, o Movimento dos trabalhadores rurais sem-terra (MST), mostrou alternativas de se pensar não só de novas formas de se relacionar com a natureza, mas também de influenciar a atitude de cooperação entre as classes

menos favorecidas, por exemplo a entrega de alimentos agroecológicos e mudas nas comunidades indígenas Guarani e Kaiowá na região de Dourados – MS.

3 A EDUCAÇÃO NO CAMPO

3.1 Breve Histórico

Segundo Caldart (2012), “a Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas”, isto é, a Educação do Campo surgiu graças à luta popular dos movimentos sociais, sobretudo, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra-MST, que tornou essa educação possível na busca do direito não só a uma educação de qualidade que leve em consideração as realidades das crianças filhos(as) dos (as) trabalhadores (as) rurais, mas também o direito à Terra, pois ainda persiste uma “má” distribuição dos latifúndios em nosso país, no qual está concentrada nas mãos da minoria da classe mais favorecida e a falta de políticas públicas por parte do governo e investimentos para os “pequenos agricultores”, bem como a prática do agronegócio. Com isso, assevera Fernandes (2004):

o campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só lugar de produção agropecuária e industrial, do latifúndio e da grilagem de terras. O campo é espaço e território dos camponeses e quilombolas. É no campo que estão às florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Por isso tudo, o campo é lugar de vida e, sobretudo, de educação. (FERNANDES, 2004, p. 137)

Com esse intuito, interpreta-se que o campo não pode ser “entendido” como um espaço de destinado apenas a produção agrícola e ao trabalho latifundiário, mas como um espaço destinado a educação, no qual busque a valorização das culturas, dos saberes, das identidades nas comunidades, onde os (as) filhos(as) dos camponeses (as) tenham seus direitos sociais garantidos, principalmente, o direito à educação.

Para isso, assegura Caldart (2012), “a Educação no Campo é um direito do povo, na qual deve ser pensada para povo e no povo reforçando suas culturas, identidades, ou seja, uma educação de qualidade que valorize o lugar e a comunidade em que vivem as pessoas do campo”.

Embora a educação seja um direito de todos(as) e dever do Estado e da família, na qual deve ser promovida e incentivada com a colaboração de toda a sociedade no intuito de desenvolver as pessoas no seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho de acordo com a Constituição de 1988, artigo 205. No entanto, este direito sobretudo nas áreas rurais foi historicamente negado aos trabalhadores rurais, pois por um longo tempo a educação era promovida através do “paternalismo ou coronelismo”, isto é, em que o coronel “cedia” em sua propriedade um local/escola para educar as crianças filhos(as) dos trabalhadores(as) e camponeses rurais, porém qualquer pessoa poderia ensiná-los(as) sem nenhuma formação para exercer o cargo de professor(a), com isso havia um sistema de dominação por parte dos coronéis, onde estes não podia expulsar os camponeses das suas terras, pois eles precisavam da mão de obra “barata” destes (as) para trabalhar de forma explorada em sua propriedade.

E para superar essa forma de ensino surgiu a Educação Básica do Campo, como outra perspectiva a partir de lutas sociais e resistência dos camponeses promovida pelo MST-Movimento dos trabalhadores Sem terra, na I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho 1998, visando não só o direito à educação para os trabalhadores(as) do campo, mas também a inclusão dos quilombolas, dos povos indígenas, os outros tipos de assalariados ou com vínculos à vida e ao trabalho no meio rural. Nesse sentido Arroyo; Caldart e Molina (2008) “citam que temos de acabar com os problemas excludentes na educação das populações rurícolas”.

As escolas rurais têm que dar conta da educação básica como direito do homem, da criança, do jovem, da mulher, do ser camponês, ou seja, a função da escola e da educação do/no campo é socializar, trabalhar o tempo, o espaço, a produção dos saberes locais, os rituais, os valores, a cultura, a formação integral. A educação do/no campo tem que valorizar a vivência, a experiência, a sensibilidade. Dessa forma, a escola é um espaço onde os sujeitos exprimem seus valores culturais, experienciam novas formas de relacionamento social e aprendem o que a humanidade até então produziu e sistematizou em forma de conhecimento escolar.

Em 1996, foi decretada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9.394/1996, na qual estabelece orientações para adequar e valorizar a população do campo ao oferecer a organização escolar, adaptação no currículo e metodologia de acordo com as especificidades das escolas do campo, como está posto no seu Art. 28:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - Organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996).

Com isso, a LDB 9394/96, aponta para a educação do campo uma natureza própria, na qual, a vida do campo se fizesse presente em sua diversidade cultural e estabeleceu o respeito às regionalidades e formas de trabalho presente no campo, cuja existência já se encontra dada e estabelecida historicamente na sociedade. Nela, se tem presente à expressão da garantia de respeito às peculiaridades de trabalho e de vida do campo nas suas múltiplas dimensões e regionalidades e aponta para um currículo, metodologia, organização e calendário escolares adequados a cada situação vivenciada pelos sujeitos em seus respectivos territórios.

A base material que dá sustentação à escola do campo é a preservação dos valores sociais e a cultura do trabalho do homem do campo. Por tanto, de acordo com Leite (2020), “o currículo das escolas do campo deve ser construído pensando no sujeito a ser trabalhado, não faz sentido para o educando um conteúdo descontextualizado, é necessário possibilitar práticas educativas que envolva o cotidiano deste”.

4 ENSINO REMOTO NA PANDEMIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO EXERCÍCIO DOCENTE

Como forma de enfrentamento à situação de emergência em saúde pública que se encontrava o país, foi decretada a Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020, na qual determina normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior. No artigo primeiro, diz que, fica dispensado em caráter excepcional para os estabelecimentos de ensino da educação básica, a obrigação no cumprimento dos dias permanentes de efetivo trabalho escolar, conforme estabelece os termos do disposto no inciso I do caput e no § 1º do art. 24 e no inciso II do caput do art. 31 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, desde de que estes sistemas de ensino cumprissem a carga horária anual mínima estabelecida nesta norma.

Através do parecer CNE/CP nº 5/2020, aprovado em 28 de abril de 2020 de PROCESSO Nº: 23001.000334/2020-21, de assunto para a reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19, é explicado como é necessário reforçar as ações educacionais através das plataformas on-line, bem como fomentar no corpo docente a criatividade e inovação para as práticas pedagógicas, a fim de que não ocorra prejuízos ao longo tempo sem aulas e o reajustes do calendário escolar.

Com o passar do tempo e com as adequações em os âmbitos sociais frente à pandemia é emitido a Resolução CNE/CP nº 2, de 10 de dezembro de 2020 em favor da Lei nº 14.040, em 18 de agosto de 2020, esta que “Estabelece normas educacionais excepcionais a ser adotado durante o estado de calamidade pública reconhecida pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020” (Brasília [DF], 2020). A Resolução coloca que o retorno às aulas no modo presencial é gradual e que ficam facultativos às Secretarias Estaduais e Municipais de Educação a responsabilidade e competência devendo sempre priorizar as medidas de segurança recomendadas.

Em conformidade a Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020, já supracitada, a Resolução nº 1 de 13 de julho de 2020 do Conselho Municipal de

Educação – CME de Campina Grande-PB, estabelece que as unidades de ensino adotem e acompanhem a oferta de atividades remotas para o cumprimento da carga horária do ano letivo de 2020. No parágrafo primeiro, descreve a atividade remota, como sendo aquela atividade não presencial, as quais devem ocorrer pela mediação das tecnologias, mídias digitais, meios de comunicação ou na utilização de recursos impressos.

No parágrafo quarto, diz que as atividades remotas desta resolução poderão ser computadas como parte da carga horária anual (até 50% das 800 horas revistas), como previsto na Lei De Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB em seu artigo 24 referentes ao Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) e Educação de Jovens e Adultos (EJA). No entanto, houve a alteração desta portaria para a RESOLUÇÃO Nº 002/2020, DE 28 DE SETEMBRO DE 2020, a qual traduz em seu artigo 4, que as atividades remotas passariam a ser computadas com carga horária anual escolar, sendo as 800 horas previstas estabelecida pela LDB, mas desde de que respeitassem a legislação em vigor, principalmente, as resoluções, portarias e pareceres emitidos pelo Conselho Nacional de Educação (CNE).

Já no artigo 6, diz que as atividades desenvolvidas no período da pandemia devem ocorrer de forma complementar, contínua e cumulativa e quantitativas, ou seja, a avaliação será contabilizada para fechamento de um bimestre ou semestre ou ainda para a promoção do aluno. Ainda neste artigo discorre no inciso IX (nono), que a conclusão do ano letivo deverá considerar, excepcionalmente, o cumprimento mínimo de 75% da carga horária e a realização da avaliação prevista na LDB, e no inciso X (décimo), prorroga o ano letivo de 2020 para 2021, com a finalidade de concluir o ano letivo, no qual deverá levar em consideração a participação dos alunos nas aulas remotas e no plano de recuperação previsto nesta Resolução.

No inciso XII (décimo segundo) do artigo 7, traz a elaboração do calendário escolar tomando por base o calendário da Secretaria Municipal de educação (SEDUC) como proposta para complementar ou ajustar a carga horária do ano letivo para aqueles alunos que não tiveram acesso às aulas remotas ou as atividades disponibilizadas pela escola. Contudo, no inciso V (quinto) do artigo 8 define que o

calendário de avaliação escolar deverá ser bimestral ou semestral com a finalidade de concluir o ano letivo.

Nesse contexto, é importante termos em mente que existe uma diferença direta entre Educação a Distância (EAD) e Ensino Remoto Emergencial (ERE). Segundo Hodges et. al. (2020):

Ao contrário das experiências planejadas desde o início e projetadas para serem on-line, o Ensino Remoto Emergencial é uma mudança temporária da modalidade de instrução para um modelo de ensino alternativo devido a circunstâncias de crise. Isso envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para instrução ou educação que, caso contrário, seriam ministradas pessoalmente ou como cursos combinados ou híbridos e que retornarão a esse formato assim que a crise ou emergência tiver diminuído. (HODGES et. al.2020, p.6)

Importante destacar também que o ensino remoto de qualidade só será realidade quanto maior for o tempo de preparação até sua efetiva execução. Sobre essa afirmação, Behar (2020, s/p.) afirma que:

No ERE, a aula ocorre num tempo síncrono (seguindo os princípios do ensino presencial), com vídeo aula, aula expositiva por sistema de web conferência, e as atividades seguem durante a semana por espaço de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) de forma assíncrona. A presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula presencial é substituída por uma presença digital numa aula online, o que se chama de presença social. Essa é a forma como se projeta a presença por meio da tecnologia. E como garanti-la? Identificando formas e contato efetivo pelo registro nas funcionalidades de um AVA, como a participação e discussões nas aulas online, nos feedbacks e nas contribuições dentro do ambiente. (BEHAR, 2020, s/p.)

Segundo Behar, o que iria ocorrer dentro de uma década na educação acabou ocorrendo de forma emergencial por meio da crise estabelecida em um, dois ou três meses. Nesse momento de transição é preciso, dentre outros aspectos: “Organização, paciência, permitir-se ter tempo de adaptação, errar, pedir ajuda, compartilhar”.

Trata-se de um processo onde os (as) professores (as), pais/responsáveis e alunos(as) precisam se adaptar a esse “novo” estilo de aprendizagem à distância e, na maioria das vezes, enfrentar condições precárias de estudo em casa, sobretudo os(as) alunos(as) da rede pública de educação na zona rural. O trabalho das equipes pedagógicas tem sido intenso, desde cursos, treinamentos, formações, enfim, inúmeras mudanças estão sendo feitas para tentar contornar essas

adversidades, inclusive no currículo, que pode e deve ser adaptado ao contexto da aula não presencial, através dos meios disponíveis, desde plataformas on-line, vídeo chamadas, material impresso distribuído nas escolas para os alunos que não possuem acesso às tecnologias.

O Decreto 2.494 de 10/02/1998 art.80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional introduz a educação à distância (entendida nesse contexto como ERE, Ensino Remoto Emergencial) como modalidade válida para fazer educação no Brasil. Surge então políticas públicas com o objetivo de inserção da nação nessa “nova sociedade 4.0” e é produzido então o Livro Verde da Sociedade de Informação no Brasil (1999).

O ERE é tido então como forma de exercício da cidadania e trabalho com liberdade e criatividade. As TDICs, o ciberespaço e a cibercultura criam condições de interação entre as pessoas, trocas de experiências e informações, reduz a distância temporal. Com o ensino remoto, havendo mais liberdade, reduz-se a distância tecnológica mediante a disparidade entre o poder de acesso às tecnologias e ainda a falta de democratização, e realiza inclusão digital, sendo pensado para as pessoas com problemas físicos e com dificuldades.

Vários órgãos internacionais criaram e divulgaram estratégias para este ERE, uma delas pode-se verificar no quadro 1:

Quadro 1: Estratégias para o ensino remoto emergencial

Examinar a disponibilidade e escolher as ferramentas mais relevantes	Decidir sobre o uso de soluções de alta e baixa tecnologia, levando em consideração a confiabilidade das fontes de alimentação locais, conectividade à internet e habilidades digitais de professores e estudantes. O que pode acarretar na variação de recursos, tais como, plataformas integradas de aprendizado digital, vídeo aulas, Cursos Online Abertos e Massivos (<i>Massive Open Online Course – MOOC</i>), transmissão por rádios e TVs.
Garantir a inclusão nos programas de educação a distância	Implementar medidas para permitir que os estudantes, incluindo aqueles com deficiência ou que possuem baixa renda, tenham acesso a programas de educação a distância, se caso apenas um número limitado de discentes tiver acesso a dispositivos digitais.
Proteger a privacidade e a segurança dos dados	Avaliar a segurança dos dados ao realizar upload e compartilhar informações ou recursos educacionais nos espaços da Web com outras organizações ou pessoas. Verificar se a utilização de aplicativos e plataformas não afeta de maneira negativa a privacidade dos dados dos estudantes.

Priorizar soluções para enfrentar os desafios psicossociais antes do ensino	Mobilizar as ferramentas disponíveis para conectar unidades educativas, professores e estudantes entre si. Criar comunidades para oportunizar interações humanas regulares, possibilitar medidas de assistência social e mencionar possíveis desafios psicossociais que os discentes podem enfrentar quando estiverem isolados.
Planejar o cronograma de estudos dos programas de educação a distância	Organizar discussões com as partes interessadas para verificar a possível duração do fechamento da instituição e decidir se o programa de educação a distância deve se concentrar no ensino de novos conhecimentos ou aprimorar o conhecimento dos estudantes sobre aulas anteriores. Planejar o cronograma, dependendo da situação das zonas afetadas, do nível de estudos e das necessidades dos estudantes. Escolher as metodologias de aprendizado apropriadas, considerando a questão do fechamento das instituições educacionais e quarentenas em casa.
Prestar apoio a professores no uso de ferramentas digitais	Organizar breves sessões de capacitação e/ou orientação para docentes, caso houver necessidade para desenvolver aulas.
Combinar abordagens apropriadas e limitar o número de aplicativos e plataformas	Combinar ferramentas ou mídias disponíveis para os discentes, favorecendo a aprendizagem síncrona e assíncrona. Evitar sobrecarregar os estudantes, buscando um equilíbrio na diversificação de aplicativos ou plataformas.
Desenvolver regras de educação a distância e monitorar o processo de aprendizado dos estudantes	Definir regras com os discentes sobre a educação a distância. Criar perguntas, testes ou exercícios formativos para o monitoramento do processo de aprendizado dos estudantes. Buscar utilizar ferramentas para apoiar o envio de feedback dos alunos.
Definir a duração das unidades de educação a distância com base nas habilidades de autorregulação dos estudantes	Manter um tempo coerente de acordo com o nível de autorregulação e habilidades metacognitivas dos estudantes, especialmente para as aulas de transmissão ao vivo.
Criar comunidades e aprimorar a conexão	Criar comunidades de docentes e gestores de instituições educativas para abordar o sentimento e a discussão de solidão ou desamparo, facilitando o compartilhamento de experiências e a discussão sobre as possibilidades de estratégias para o desenvolvimento da educação.

Fonte: Adaptado de UNESCO (2020b).

Ademais, pensar na educação do Campo é uma necessidade, afinal, o (a) educador(a) auxilia na construção do ser humano, já que é uma realidade concreta, e essa realidade é assim como o tempo dinâmico, e esse tempo não está estagnado à mercê do Covid-19. Porém, numa pandemia como o que é vivenciado, o olhar ao

fazer educação é tomado pela força do instante, o novo, à princípio, assusta, mas também ressignifica e motiva a buscar formas de sair de uma situação, necessariamente, ruim para uma que seja possível produzir e conhecer, afinal, o tempo passa e adaptar-se é uma necessidade.

Cabe à equipe técnica escolar, através da orientação do MEC e da BNCC, assim como da Secretaria Municipal de Educação (SEDUC), definir as habilidades e conteúdos essenciais do currículo, destacando, num primeiro momento, quais podem ser desenvolvidos com maior autonomia em aulas não presenciais. A própria equipe pedagógica da secretaria, aliados a um grupo de professores de diferentes etapas e áreas do conhecimento devem fazer esse trabalho conjuntamente. Onde, além de definir as habilidades e conteúdos considerados, de acordo com a BNCC, imprescindíveis para o desenvolvimento das crianças e jovens, o grupo deve indicar os objetivos de aprendizagem de cada um deles.

Trata-se de uma tarefa fundamental para orientação da escolha dos conteúdos didáticos a serem produzidos e trabalhados no período letivo determinado. Dessa forma, ao concluir a fase de reorganização curricular, o planejamento deverá ser compartilhado com a comunidade escolar, que partirá para a construção dos planos de aula. Esses documentos devem descrever as atividades que serão trabalhadas, seus objetivos, carga horária e meios de realização e metodologias aplicadas.

De acordo com os dados divulgados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em torno de 850 milhões de estudantes ficaram fora da escola no ano de 2020 em razão da suspensão das aulas como uma das principais medidas de controle da propagação do contágio do Covid-19. Nesse contexto pandêmico, a educação brasileira passou a enfrentar um enorme desafio, era necessário visualizar a educação dentro das rigorosas regras de isolamento social, por meio de aulas remotas e através de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). Segundo Vincent Defourny, representante da UNESCO, é preciso que se faça um esforço no sentido de minimizar os danos aos currículos em razão da suspensão das aulas presenciais. “A primeira coisa é fazer o uso mais extenso possível de todos os recursos à distância, que podem ser pela

internet, rádio, televisão e todas as formas que permitam aprender e manter contato com a aprendizagem à distância” (UNESCO, 2020, p. 2).

Porém, trata-se de um grande desafio, especialmente quando se trata da realidade das escolas públicas brasileiras da zona rural, assim como da situação sócio financeira da maioria das famílias carentes. Sob o aspecto pedagógico, currículo constitui um conjunto estruturado de disciplinas e atividades, organizados de acordo com a Lei de Diretrizes e Base da Educação brasileira (LDB) e a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) com o objetivo de possibilitar o alcance de determinada meta, de forma a evidenciar a preocupação com a aprendizagem de elementos culturais e o desenvolvimento das habilidades intelectuais da sociedade, unificando valores básicos e fundamentais, além de conhecimentos novos resultantes de mudanças sociais. No contexto do desenvolvimento do trabalho pedagógico, há todo um entrelaçamento da equipe pedagógica dentro do processo de ensino - aprendizagem com o olhar voltado para as práticas pedagógicas.

O currículo educacional constitui um espaço de racionalização do processo de ensino - aprendizagem onde o processo se torna relevante. De acordo com a compreensão de Bourdieu sobre dominação cultural, o conhecimento trabalhado no currículo, constitui uma representação própria da cultura dominante, uma conduta pautada por uma “superiorização” social, que é construído por meio de um processo meticuloso de favorecimento de classes, a escola, nesse sentido, segue sua função de reprodução das desigualdades sociais. Diante do quadro global de Pandemia pelo Covid-19, percebeu-se no Brasil, assim como em muitos outros países do mundo, enquanto medida sanitária de isolamento social, a necessidade de modificar o formato de ensino predominante, a modalidade presencial, pela modalidade de ensino remoto de caráter emergencial e provisório.

Com o agravamento do quadro pandêmico, a modalidade de aulas remotas está se estendendo além do que fora inicialmente idealizado, de forma que compreendeu todo o período letivo de 2020, chegando agora ao 4º mês do ano de 2021. Essa modalidade de ensino remoto se assemelha em alguns pontos ao ensino EAD, entretanto a modalidade remota compreende uma comunidade escolar (geográfica) determinada próxima, onde se caracteriza, também, pela ideia de seguir

um planejamento onde exista a necessidade de se manter os horários de estudos presenciais. A modalidade de ensino remoto, apesar de totalmente imprescindível, se mostra extremamente desafiadora para professores, alunos, pais/responsáveis, assim como os demais membros da comunidade escolar. Foi necessário que as instituições de ensino se adaptassem rapidamente nesse novo contexto mundial, assim como os alunos foram forçados a se adaptarem a toda essa mudança e a criar a rotina de ter aulas e estudar, sem a necessidade de sair de casa.

O novo cenário educacional trouxe consigo mudanças significativas para todos os seus atores, porém, totalmente inesperada gerada por essa ruptura. Apesar de a tecnologia ser parte da vida de todas as pessoas, na atualidade, a escola em si não estava preparada para essa “urgência”. Para tentar contornar esse problema, muitas secretarias de educação passaram a oferecer formações continuadas para que os professores (as) pudessem começar a fazer uso de plataformas virtuais com alguma segurança, um outro enorme desafio enfrentado pelos(as) professores (as) e os (as) alunos (as) é o fato de não haver um currículo específico que ampare essa modalidade de ensino remoto. É necessário que os professores adequem os conteúdos descritos na BNCC e metodologias do ensino presencial para essa nova realidade. A adequação precisa realmente ser desenvolvida de forma que seja eficaz, pois não há como comparar a realização de um vídeo aula a uma aula tradicionalmente presencial.

Outro questionamento com relação ao currículo é o cumprimento integral de todos os conteúdos curriculares, diante da impossibilidade real dessa conduta, sendo que posteriormente, esses conteúdos virão a ser cobrados nos anos letivos seguintes. Para tanto, é necessário compreender que o currículo escolar não pode ser imutável, bem ao contrário disso, deve ser entendido como uma “construção humana”, que deve ser articulado em conformidade com a realidade social e escolar, devendo assumir uma característica de flexibilidade.

Outro ponto a ser destacado é a necessidade da interação e participação das famílias no processo educacional, em especial, com relação às crianças mais jovens que precisam de uma intervenção mais direta para a realização de tarefas. Porém, em contraponto, existe a falta de tempo dos pais para prestar essa assistência aos

alunos(as), assim como a falta de preparo ou treinamento para a realização dessa função. Cabe aos professores(as) buscar meios de proporcionar a melhor qualidade do ensino, buscando ao máximo ampliar o leque de alunos(as) com acesso à educação na zona rural, de forma que aqueles que não tenham acesso às tecnologias, possam ter acesso ao material impresso e fornecido pelas escolas.

Em conformidade com Bourdieu (1979), “A herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito”. Nesse sentido, a influência familiar dos alunos será determinante para o sucesso escolar desta, ou mesmo, perpetuar as desigualdades na educação. É a compreensão das diferentes realidades dos alunos, sobretudo os que estão em situação de vulnerabilidade, que irá proporcionar ao professor a possibilidade de forjar um “retrato” de seus alunado, enquanto para alguns estudantes o ensino remoto é cansativo e complicado, enquanto para outros é desafiador e empolgante, para outros é inacessível, situações que revelam a perpetuação das diferenças de classe. Porém, apesar da inacessibilidade por todos os (as) alunos (as) nas escolas do Campo, o ensino remoto acabou sendo o principal meio de transpor o ensino.

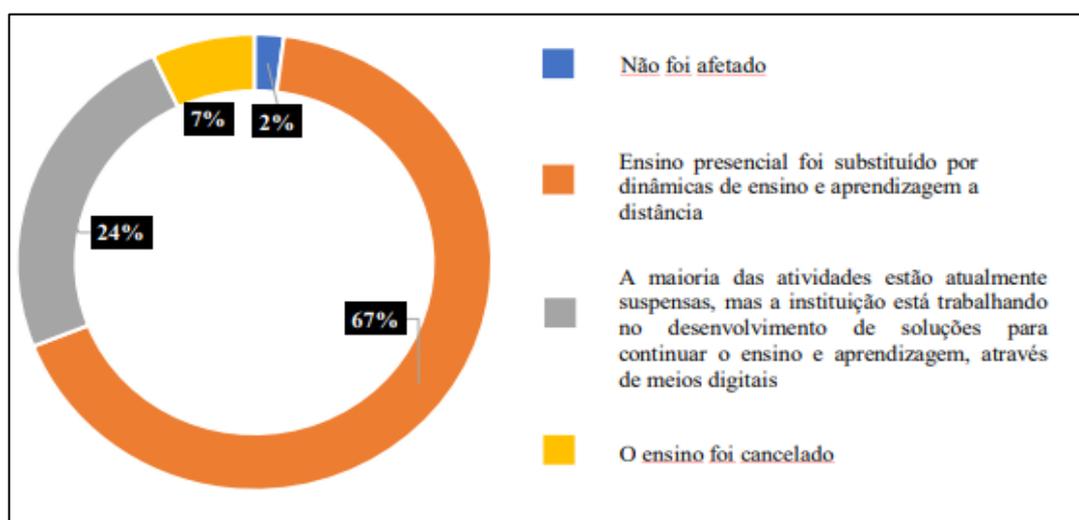
As tecnologias, nesse sentido, se enquadram como um importantíssimo instrumento educacional que devem ser aproveitadas de forma o mais produtiva possível pelos professores, de forma que capte o maior número de alunos possível. Assim, “mesmo neste contexto, pode-se buscar formas de a educação se beneficiar da crise para se fortalecer e se reinventar”. (TRAUTWEIN, SANTOS, 2020, p. 131, apud. LIRA, 2020). Entretanto, o uso dessas tecnologias, apesar de favorável em termos de instrumentação do aparelho educativo, não se configura como elemento democratizador, ao contrário, evidencia o grande abismo sócio/econômico que ainda impera nos Brasil, afetando, de forma mais contundente, as pessoas que se encontram nas camadas sociais mais baixas.

De acordo com a UNESCO, 98% dos(as) alunos(as) de todo o mundo estão afastados das escolas, sendo as aulas remotas, a única alternativa para sanar esse dano à educação. Outro questionamento com relação ao currículo é o cumprimento integral de todos os conteúdos curriculares, diante da impossibilidade real dessa

conduta, sendo que posteriormente, esses conteúdos virão a ser cobrados nos anos letivos seguintes. Para tanto, é necessário compreender que o currículo escolar não pode ser imutável, bem ao contrário disso, deve ser entendido como uma “construção humana”, que deve ser articulado em conformidade com a realidade social e escolar, devendo assumir uma característica de flexibilidade.

Como pode-se observar na (Figura 1), o ano de 2020 foi um divisor de águas em muitos sentidos e para o processo educacional talvez tenha tido um dos maiores impactos.

Figura 1- Como a Covid-19 afetou o ensino e aprendizagem



Fonte: adaptado de IAU (2020, p.23)

As consequências danosas da Pandemia à Educação no Campo foram inegáveis, porém, sob outra perspectiva, revelou a necessidade de um avanço imenso no domínio das tecnologias tanto por professores (praticamente “forçados” a modernizar sua metodologia de ensino) quanto para os (as) alunos (as). Porém, para professores(as) mais antigos na profissão, essa mudança foi extremamente complicada, a falta de habilidade no manuseio desses instrumentos é um entrave para o desempenho desses profissionais.

As plataformas² mais comumente usadas pelos(as) professores(as) são: “*WhatsApp, Google Meet, Google Classroom, Spotify, Microsoft Teams e Zoom Cloud Meeting*”, videoaulas disponibilizadas pelo *Youtube*”, entre outros. Apesar da disponibilização de aulas por esses canais, as escolas forneceram os livros didáticos e materiais impressos para serem resgatados nas secretarias das escolas do Campo. Todo esse processo precisa ser pensado e repensado para que o maior número de alunos(as) venha a ter acesso, mesmo que apenas aos materiais impressos.

Desde que a pandemia do novo coronavírus chegou ao Brasil várias medidas de proteção foram tomadas e com a Escola da zona rural não foi diferente. O isolamento social imposto pela pandemia provocou mudanças estruturais em diversas áreas que precisaram se adaptar para manter o funcionamento durante a quarentena. As escolas do Campo tiveram que optar pela continuidade das aulas, remotamente, desde o dia 17 de março de 2020. Neste contexto, as metodologias de Ensino à Distância (EAD) receberam grande destaque, uma vez que esta foi à alternativa disponível para que as aulas continuassem quando o isolamento social se tornou imprescindível.

Toda a comunidade escolar teve que se reinventar, pois, muitas questões estavam em “jogo”. Um grande problema enfrentado foi o despreparo dos (as) profissionais da educação, os(as) quais não estavam preparados (as), principalmente pelo fato de que a tecnologia quase nunca havia sido utilizada como recurso nas aulas, anteriormente. Um agravante enfrentado era o fato que a utilização de tecnologias nunca fora trabalhada na formação dos (as)professores(as), pois muitas faculdades de licenciatura ainda não tratam desse tema. Outro fator é que, na maioria dos municípios, não fazem sequer formação continuada para os(as) professores(as) e quando fazem, repetem os conteúdos, não levando em conta a variação de competência digital entre eles. E ainda há a falta de infraestrutura física nas Escolas do Campo para que os(as)professores(as) possam realmente usar computadores e outros dispositivos para aulas online.

²As plataformas são sites e ferramentas digitais utilizadas pelos(as) educadores(as) como recursos metodológicos para otimizar o desempenho, a participação e a interação dos (as) alunos(as) no ensino remoto.

Alguns professores(as) podem até levar seu notebook para sala de aula, mas, quando chegam lá não tem internet na sala ou tão pouco acesso ao laboratório de informática. Ou seja, nem o(a) próprio(a) professor(a) utiliza da tecnologia no ambiente escolar na zona rural, o que gera um problema porque agora estamos pedindo para que eles migrem para um modelo educacional que eles não tiveram tempo para se preparar.

Ainda existe o fator que muitos dos (as) alunos (as) nem ao menos têm acesso à internet, outra parte deles não têm ferramentas adequadas para conseguir acompanhar as aulas remotas, dentre outros vários outros problemas. Será que existe muita diferença entre as aulas presenciais e as aulas remotas? A verdade é que sim, a aula presencial cobre diferentes perfis de aprendizagem, que nada mais é que a forma como cada aluno(a) aprende, o que por muitas vezes não se aplica ao digital. Assim, é possível gravar uma aula presencial e disponibilizá-la online, mas o resultado pode não ser o esperado, prejudicando o aprendizado. Não é simplesmente realizar uma transposição de mídia, pois o Ensino à distância (EaD) não é uma metodologia, mas sim um conjunto de metodologias. As adaptações são necessárias e na maioria dos casos obrigatórias.

A metodologia educacional sofreu uma revolução onde o quadro e o giz foram forçados a dar lugar para os vídeos criativos, entre outras estratégias que se fizessem uso direto e/ou indireto das TDICs, os chamados softwares educacionais. Partindo do ponto em que pensamos que o(a) aluno(a) tenha tudo disponível para poder usufruir das aulas remotas, podemos destacar as algumas vantagens das aulas à distância.

A primeira é a variedade de recursos disponíveis. Enquanto na sala de aula tradicional o(a) professor(a) normalmente limita-se ao quadro ou a apresentação, no ambiente online/virtual (AVA) as possibilidades são inúmeras, tanto em relação às mídias quanto ao nível de interação. Dois outros pontos positivos que podem ser observados neste sistema de ensino são a disponibilidade e o ritmo: no ambiente virtual é possível rever o conteúdo gravado ou buscar outras formas que apresentem o mesmo conteúdo, facilitando o aprendizado, além de permitir que o (a) professor (a) e o(a) aluno (a) estejam na aula em momentos diferentes. Mas, em um país tão

cheio de desigualdades, sabemos que são poucos os estudantes que conseguem aproveitar ao máximo dessas aulas.

5 METODOLOGIA

Para a pesquisa foi utilizado o método exploratório e levantamento bibliográfico com o objetivo de compreender melhor o tema da pesquisa. Dessa forma para entender como todo contexto funciona, conforme Santos (2000), “trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas (documentos eletrônicos)”.

Este trabalho é uma pesquisa de natureza qualitativa, pois segundo Minayo (2007), ela trabalha com o universo, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Ou seja, os fenômenos sociais que ocorrem a partir das interações e relações humanas para interpretar suas ações nas diferentes formas de pensar agir na realidade vivida e compartilhada com seus pares.

A obtenção dos dados para a pesquisa foram feitos a partir de uma coleta cujo instrumento utilizado foi um questionário semiestruturado contendo 06 (seis) questões, o qual foi construído no *Google Forms*, em seguida foi disponibilizado o link e aplicado com os(as) docentes atuantes nas escolas públicas da zona rural próximas ao município de Campina Grande–PB, em que utilizou uma amostragem de 07 docentes que se mostraram abertos à investigação acerca dos desafios enfrentados durante a pandemia nas escolas do campo.

Desse modo, foram estabelecidos os seguintes critérios de elegibilidade dos (as) participantes (as) na pesquisa, divididos em critérios de inclusão e exclusão. Foram estabelecidos como critérios de inclusão docentes que estão cursando ou já possuem o certificado de conclusão do curso de pedagogia, podendo ser do sexo feminino e masculino e estar trabalhando na Rede Municipal de Educação nas escolas do campo. Para critérios de exclusão ter o certificado de conclusão do curso de pedagogia e ensinar na rede privada de educação.

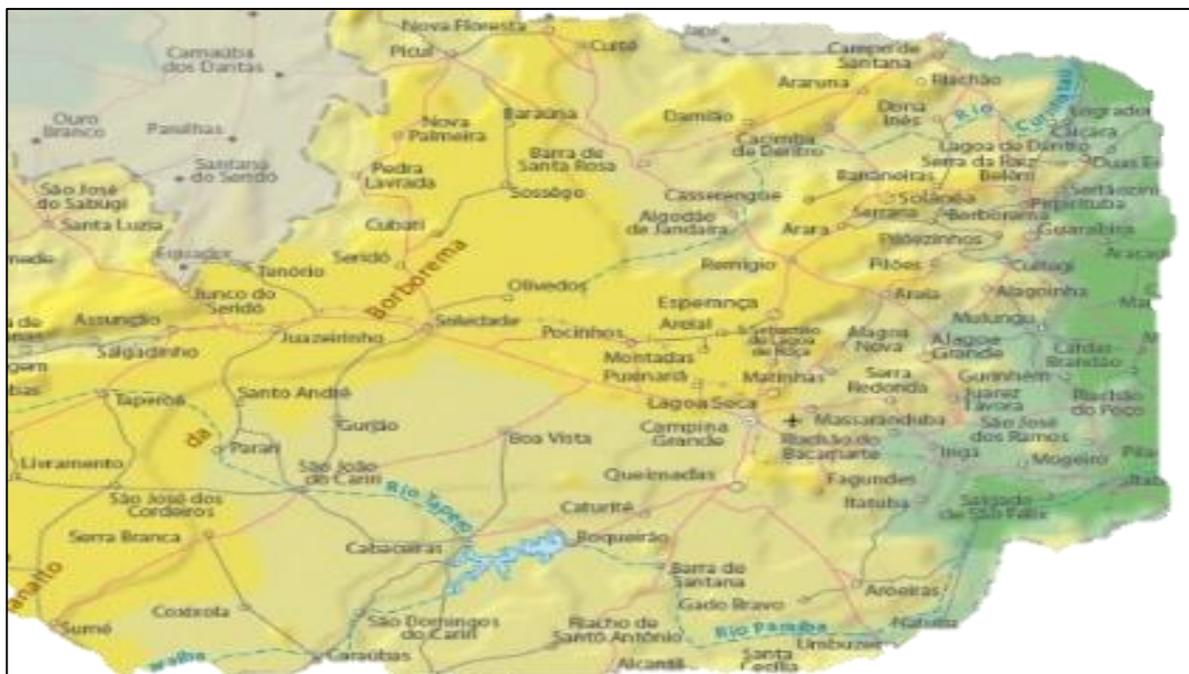
Quadro 2 - Questionário para os professores (as) da zona rural

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES(AS) DA ZONA RURAL
Como se deu o processo de iniciação das aulas remotas na zona rural onde você atua?
Como foi a escolha dos conteúdos a serem trabalhados durante o período das aulas remotas?
Quais ferramentas digitais você utilizou para realizar suas aulas durante a pandemia?
Como você motivou os alunos da zona rural a estudarem, mesmo à distância?
Quais os desafios e possibilidades das aulas remotas para o aluno da zona rural?
Em alguma atividade que você fez com os alunos (as) você falou ou usou algo que lembre a zona rural?

Fonte: Autoria própria (2022)

Gil (2008) afirma “o questionário pode ser definido como uma técnica de investigação social formada de um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesse, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado”.

Figura 2 - Localização geográfica das cidades em torno do município de Campina Grande-PB



Fonte: Autoria própria (2022)

A pesquisa foi realizada com professores (as) que lecionam nos Anos iniciais do Ensino Fundamental nas escolas públicas municipais da zona rural, situadas nos distritos das cidades de Esperança, Queimadas, Barra de Santana, Olivedos, ente outras, as quais estão localizadas em torno do município de Campina Grande, conforme mostra a (Figura 2), onde este município possui uma população estimada em 413.830 pessoas, e sua densidade demográfica é de 648,31 habitantes por km² (IBGE, 2021).

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As entrevistas ocorreram através de um questionário via online, na qual foram enviadas para ex-discentes, sendo estes(as) na sua grande maioria do curso de pedagogia, alguns que estão concluindo e outros (as) já são formados(as) pela Universidade Estadual da Paraíba, que moram em torno do município de Campina Grande e que atuam nas escolas do campo. Estes (as) foram escolhidos(as) pelo fato de que possuem uma visão mais crítica a respeito da Educação no Campo.

Para isso foi aplicado um questionário com questões relacionadas as dificuldades para a realização do seu exercício docente nas escolas municipais da zona rural que eles (as) atuam e as demais sobre as suas experiências. Devido este trabalho não ter passado pela provação do comitê de ética o nome das escolas rurais, bem como a identificação dos(as) docentes serão preservados, os quais serão usados pseudônimos para a identificação dos(as) professores(as) entrevistados(as). Portanto, abaixo apresentaremos as respostas dos (as) professores(as) e seus pseudônimos que responderam aos seguintes questionamentos:

1- Como se deu o processo de iniciação das aulas remotas na zona rural onde você atua?

Na zona rural o acesso à internet e a aparelhos eletrônicos é limitado, desse modo não podemos criar uma metodologia de ensino online. Assim, foi criado pelos professores e pela direção uma lista de conteúdos didáticos e atividades referentes a cada série seguindo o livro didático. Uma vez por semana os responsáveis pelos educandos iam à escola e pegavam o cronograma com as atividades dos conteúdos impressos e devolviam as atividades realizadas na semana anterior para a correção. Os educandos tinham como suporte o livro didático. **(Professora- Timbaúba)**

Inicialmente fizemos o processo de sondagem para termos uma real noção das condições de acesso dos estudantes aos recursos tecnológicos, com esse mapeamento em mãos em seguida, tivera a real noção dessas condições. Vale salientar que muitos alunos não tem condições de acesso a nenhuma tecnologia de internet ou instrumentos que possibilitassem este acesso. Tendo em vista essas

condições, as estratégias adotadas foram elaborar atividades impressas e portfólio que fossem oferecidos aos estudantes em suas residências. **(Professora-Umbuzeiro)**

De início foi bem impactante pois não estávamos esperando muito menos preparados, para essa nova maneira de ensino com o passar dos dias fomos nos adequando como podíamos e também de acordo com as necessidades do nosso alunado. **(Professora-Ypê Roxo)**

Deu-se repentinamente com todos totalmente despreparados, sem as condições mínimas para iniciar o ensino remoto. **(Professora-Ypê Amarelo)**

Primeiramente tive uma conversa com a coordenação da escola, uma vez que eu já estava inserida no corpo docente da escola, reestruturei a metodologia para que conseguíssemos que os alunos tivessem acesso às aulas. **(Professora- Barriguda)**

Após a suspensão das aulas em março de 2020 passamos duas semanas sem aulas, após esse período resolvemos entregar as atividades impressas. E só depois iniciamos as aulas remotas através do Google Meet. **(Professora- Mangueira)**

Há princípio foi tudo muito novo, pois, tivemos que lidar com novas tecnologias que até então não possuíamos habilidade. As aulas foram realizadas pelo *Google Meet*, com envio de atividades via *WhatsApp*, isso para as crianças que possuíam internet em sua residência. As aulas tinham duração de uma hora online em seguida ficávamos disponíveis para tirar as dúvidas nos grupos de “zap”. **(Professor-Mandacaru)**

Conforme com as respostas obtidas percebemos as dificuldades enfrentadas pelos professores(as) para o ensino emergencial remoto, pois eles(as) não estavam preparados(as) para o planejamento de aulas remotas, além da falta de conhecimento e formação para o uso TDIC's, e principalmente a falta de acesso à internet por parte dos alunos(as) na zona rural. Segundo Cordeiro (2020) “Vale ressaltar que nem todos os educadores brasileiros, tiveram formação adequada para lidarem com essas novas ferramentas digitais, precisam reinventar e reaprender novas maneiras de ensinar e de aprender”.

2- Como foi a escolha dos conteúdos a serem trabalhados durante o período das aulas remotas?

Os conteúdos eram escolhidos conforme a série de cada educando e era seguindo o livro didático. **(Professora- Timbaúba)**

Os conteúdos foram escolhidos levando em consideração sua importância, sua condição de aprendizado e sempre levando em consideração a questão de estarmos no ensino remoto onde o contato com o professor foi reduzido ou até mesmo eliminado. **(Professora -Umbuzeiro)**

A coordenação nos repassava a temática a cada quinzena, nós professores nos dividimos em subgrupos por série e assim íamos desenvolvendo atividades com conteúdo que as crianças conseguissem desenvolver juntos com pais e responsáveis que os auxiliavam na hora de realizá-las, pois tinha crianças que não tinha acesso à internet para acompanhar vídeo chamadas ou até mesmo não conseguiam assistir os vídeos gravados por seus professores. **(Professora- Ypê Roxo)**

Os conteúdos eram direcionados pela Secretária de Educação do município nos primeiros meses depois os professores começaram a fazer parte dos planejamentos. **(Professora - Ypê Amarelo)**

Foram distribuídos em eixos temáticos de acordo com as áreas cada professor formulava a aula com o êxito temático planejado para o bimestre. **(Professora- Barriguda)**

Os conteúdos foram trabalhados de acordo com o recomendado pela secretaria municipal de Queimadas. Foram considerados apenas conteúdos essenciais. **(Professora Mangueira)**

No nosso município recebemos uma acessória do foco, uma empresa muito responsável que tem compromisso com a educação dos municípios aqui da Paraíba. Dessa forma, foi definido um planejamento estratégico, para que os conteúdos mais necessários fossem vistos, principalmente nas disciplinas de português e matemática. **(Professor-Mandacaru)**

A partir das respostas acima, compreende-se que o livro didático é um importante recurso no apoio aos professores na sua prática pedagógica, pois auxilia no planejamento e na escolha dos conteúdos a serem trabalhados nas escolas, sendo este na grande maioria das vezes o único recurso existente nas escolas públicas brasileiras da zona rural. Assim sendo, ressalta Martins e Klein (2020), “como recurso presente nas escolas públicas do Brasil, o livro didático constitui-se em um importante material de apoio para o professor em sua prática”.

Visto que, este é acessível e gratuito a todos(as) educadores (as) e educandos(as) na rede pública de ensino conforme está posto no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), criado pelo MEC. Além disto, com a pandemia mostrou a realidade dos(as) alunos(as) das escolas do campo, nas quais não possuem acesso à internet muito menos a aparelhos tecnológicos, onde o livro didático era o único recurso disponível, como reitera Martins e Klein (2020), “considerando esse aspecto, coube ao professor fazer uso dos recursos didáticos disponíveis, para promover o desenvolvimento dos educandos, possibilitando, assim, o diálogo com os conhecimentos necessários.

3- Quais ferramentas digitais você utilizou para realizar suas aulas durante a pandemia?

Foi utilizado grupo de WhatsApp com os responsáveis dos educandos para facilitar a comunicação entre a escola e os educandos e pais. **(Professora- Timbaúba)**

Fizemos uso de materiais impressos, o *Google Classroom*, a plataforma do Google Meet, do *YouTube*. Tudo sempre usando os aparelhos celulares disponíveis e computadores daqueles que tinham acesso a estes. **(Professora-Umbuzeiro)**

Celular, *notebook* e atividades impressas (para os que não tinham acesso à internet). **(Professora- Ypê Roxo)**

Foram utilizados vídeos explicativos, links direcionados para acesso direto na plataforma e apostilas impressas. **(Professora- Ypê Amarelo)**

Plataformas *Google*, *Google Meet*, *PPT* e *WhatsApp*. **(Professora-Barriguda)**

Google Meet, WhatsApp, aulas através de vídeos com o aplicativo ApowerRec.
(Professora- Mangueira)

Computador, celular, programas de edição e gravação de vídeos. **(Professor- Mandacaru)**

De acordo com as respostas acima quanto ao uso das ferramentas digitais utilizadas pelos mesmos(as) como recursos pedagógicos, compreende-se que estas podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem dos alunos(as) não só para o ensino remoto, mas também para o ensino presencial. Para Kenski (2007), “As TDICs, proporcionam um novo tipo de interação do professor com os alunos. Possibilitam a criação de novas formas de integração do professor com a organização escolar e com outros professores”.

4- Como você motivou os alunos da zona rural a estudarem, mesmo distância?

Manter vínculo com os educandos no ensino remoto é extremamente desafiador e o único contato que tínhamos com eles eram através das atividades, por isso sempre buscávamos fazer atividades mais dinâmicas com imagens, tirinhas e histórias que cativassem o interesse dos educandos a se motivarem para realizar as atividades.

(Professora- Timbaúba)

Aqueles alunos(as) que tinham condições de acesso as plataformas digitais eram incentivadas de maneira síncrona a partir de momentos de reflexão, onde a importância da resistência por parte de todos era imprescindível para conseguirmos vencer esses desafios. Já no caso dos estudantes que eu utilizava materiais impressos tivemos sempre o cuidado de levar mensagens escritas nesta mesma perspectiva. **(Professora- Umbuzeiro)**

Através de vídeos e sempre tentando manter contato na hora da entrega de atividades impressas, também sempre mandava um mimo (bala, pirulito, lápis com ponteira etc.) **(Professora- Ypê Roxo)**

Através de lembrancinhas como recompensa a cada entrega de material mensal, ainda utilizei carimbos divertidos, adesivos e jogos. **(Professora- Ypê Amarelo)**

Conseguimos realizar aulas práticas de experimentos com materiais simples de casa. Também vídeos e filmes. Deixando também, os mesmos darem suas opiniões e reflexões. **(Professora- Barriguda)**

Procuramos incentivar através dos vídeos dinâmicos, contação de histórias, personagens interativos. Mas infelizmente muitos alunos não tiveram como participar, pois muitas vezes não tinham internet ou era de péssima qualidade. **(Professora- Mangueira)**

Uma vez no mês eu me deslocava até a cidade com atividades de artes e alguns doces, para incentivar as crianças a assistirem as aulas. No entanto as crianças tinham sempre a necessidade de perguntar se estava próximo o dia de voltarmos às aulas presenciais. **(Professor- Mandacaru)**

Com base nestas repostas se evidencia que o ser professor(a) vai além da profissão de ensinar, pois estes(as) em meio as dificuldades buscavam de todas as formas estimular os alunos (as) a não desistirem de estudar mesmo de forma remota. Assim como afirma Cordeiro (2020):

A criatividade dos professores brasileiros em se adaptar à nova realidade é indescritível no que se trata da criação de recursos midiáticos: Criação de vídeo aulas para que os alunos possam acessar de forma assíncrona além das aulas através de videoconferência para a execução de atividades síncronas como em sala de aula. (CORDEIRO, 2020, p.6)

Na afirmação acima vê-se que os (as) professores(as) brasileiros(as) se utilizaram da criatividade tanto para se adaptar à realidade do ensino remoto, quanto para o uso dos recursos de mídia seja nas aulas síncronas ou assíncronas no intuito de incentivar a permanência dos (as) educandos(as) no ensino remoto.

5- Quais os desafios e possibilidades das aulas remotas para o aluno da zona rural?

Os maiores desafios sem dúvidas foram à falta de acesso à internet, aparelhos eletrônicos e avaliar a aprendizagem dos educandos. A possibilidade que podemos notar é que é possível promover o ensino/aprendizagem em outros ambientes que não seja somente a sala e aula. **(Professora-Timbaúba)**

Os desafios para os estudantes da zona rural perpassam por uma série de vivências, tem a questão das limitações por não terem acesso à tecnologia, por parte de alguns, tem a questão da cultura por parte dos pais, em alguns casos, que as crianças e adolescentes precisam realizar trabalhos da lida do dia a dia, tem a questão que muitas vezes não tem alguém do seu convívio familiar que tem a condição de ajudá-lo com as atividades escolares enfim, são muitos os desafios. Já no que tange a questão das possibilidades para aqueles alunos que tem acesso aos recursos tecnológicos como internet aparelhos celulares e computadores são muitas, quando estes têm essas condições e tem também o incentivo familiar para o interesse nos estudos essas possibilidades ajudam a garantir um processo educacional capaz de levá-lo há um patamar de conhecimento com excelência.

(Professora- Umbuzeiro)

Desafios são muitos, a falta do acesso à internet, falta de compromisso dos pais ou responsáveis, falta de interesse até mesmo das crianças, falta de materiais adequados para nos professores exercer o nosso trabalho pois tivemos que nos adaptar com o que já tínhamos em casa, falta de formação dos profissionais.

(Professora-Ypê Roxo)

A falta de comunicação com os alunos foi o maior desafio. Famílias que possuíam apenas um celular para 3 ou 4 crianças também era outra dificuldade pois não era possível acompanhar o nível de aprendizado. Outra dificuldade foi relacionada aos alunos que pegavam apostilas impressa, pois era muito difícil identificar quando o aluno respondia de fato e quando eram resposta apenas copiadas pelos pais.

(Professora- Ypê Amarelo)

O acesso à Internet e ter um aparelho para uso próprio são os maiores desafios.

(Professora-Barriguda)

Muitos alunos da zona rural não tiveram acesso às aulas por conta da falta de acesso à Internet. Apenas pegavam as atividades impressas de 15 em 15 dias. O maior desafio é a chegada da aula remota até ao aluno da zona rural, embora tivéssemos professores comprometidos com a educação do campo a dificuldade de ter acesso à internet ou até mesmo de receber as atividades escritas são os maiores desafios.

Embora encontrassem tais desafios, a possibilidade desse acesso chegar ao aluno da zona rural potencializa um ensino inovador, tecnológico, dinâmico e eficiente.

(Professora- Mangueira)

Os desafios era fazer com que eles mantivessem a atenção durante a explicação, sabendo que a casa era um ambiente que muitas vezes tinha grandes possibilidades de tirar a atenção. Existiam alunos que deixava o celular ligado e saia para brincar ou ver TV, pois a câmera do celular não estava ligada. O que dificultava no meu trabalho como professor. A falta de sinal à internet que nem todos tinham condições. O que muitos da turma tinham que recorrer a atividades impressas. Que por muitas vezes eram resolvidas por outros. As possibilidades que tivemos de manter ainda assim um laço de afetividade entre escola e família, para que pudéssemos passar por esse momento tão difícil. **(Professor - Mandacaru)**

Percebe-se a partir dos relatos acima que a pandemia trouxe por um lado impactos positivos no sentido de se repensar o modelo de ensino que até então temos nas escolas com espaços rígidos e horários inflexíveis, uso do quadro de giz e tendo o livro como único recurso didático para um ensino “contextualizado” com o uso das tecnologias. E por outro negativo, pois prejudicou o ensino e aprendizagem de muitos(a) alunos(as) da zona rural, devido à grande desigualdade social no direito a Educação de qualidade no Campo, sendo ainda mais reforçado pela inexistência do acesso à internet.

A insegurança gerada entre o corpo docente pode ser dividida em fases. A inquietação dos professores com questões mais técnicas, como, por exemplo, dar aula online, gravar vídeos e como os alunos irão acessar o material em casos em que não contam tecnologia em casa, soma-se a uma preocupação com a participação dos estudantes. (CORDEIRO, 2020, P.6)

Para o autor percebe-se a incerteza dos (as) professores(as) por um lado quanto ao uso e domínio das tecnologias para a realização das aulas online e por outro a preocupação com a inexistência de recursos tecnológicos nas casas dos alunos(as), causando a não participação destes(as) nas aulas remotas.

6 - Em alguma atividade que você fez com os alunos (as) você falou ou usou algo que lembre a zona rural?

Foi essa questão da natureza e meio ambiente. **(Professora-Timbaúba)**

Uma das vivências mais marcantes durante o trabalho com os estudantes no período remoto foi o projeto desenvolvido no intuito de valorizar os saberes da comunidade, a partir do compartilhamento de experiências dos familiares dos estudantes. Nós desenvolvemos um projeto onde convidamos professores da rede e um estudante de Agroecologia da Universidade Estadual da Paraíba para participar de palestras que se transformaram em belíssimas rodas de conversa. Tivemos a produção de entrevistas e vídeos das diferentes comunidades rurais do município que mantém vivos os projetos de banco de sementes crioulas, tivemos a produção de paródias que valorizavam os saberes provenientes dos ensinamentos da ancestralidade dos nossos estudantes. Essas atividades aconteceram todas de forma remota organizadas em grupos onde tanto os estudantes com acesso as tecnologias quanto aqueles que não possuíam esse acesso poderiam participar, pois era um trabalho coordenado e tinha por excelência o desígnio de integrar nossos estudantes de modo que ninguém pudesse ficar para trás. NINGUÉM SOLTA A MÃO DE NINGUÉM!!! **(Professora-Umbuzeiro)**

As atividades de ciências eram mais direcionadas para a realidade do campo, um exemplo; foram aulas que acompanhavam o processo de germinação de grão de feijão, comum no ambiente rural, outro exemplo eram as atividades que se relacionavam as partes da planta. **(Professora- Ypê Amarelo)**

Sim, todas as atividades foram voltadas para a realidade do aluno, por exemplo, no eixo temático de meio ambiente, fizemos a comparação de dias chuvosos e dias secos na região e como eles agem nesses períodos. Eles revelaram o plantio de milho, feijão e a utilização deles para a alimentação e venda. **(Professora-Barriguda)**

O sítio que a gente visitou ano passado para fazer uma aula passeio foi o sítio Pedra do Sino. Conta-se que o sítio tem esse nome por conta de uma pedra que existe no

local. Essa pedra a noite fazia um barulho semelhante à de um sino. (**Professora-Mangueira**)

Dessa forma, mostra-se a importância uma metodologia que valorize as realidades e experiências no meio em que os alunos(as) da escola do Campo vivem, pois na grande maioria das vezes os (as) alunos (as) desconhecem a existência das “riquezas” naturais de sua própria localidade. Uma vez que os espaços rurais também compreendem espaços de aprendizagem. Para isso, é preciso que os(as)educadores(as) e educandos vivenciem e construam simultaneamente no processo de ensino aprendizagem a consciência ética e ecológica, e isso contribuiu não só para a mudança na perspectiva dos(as) educandos(as) negativa sobre a zona rural, mas também possibilita o resgate, a valorização de suas identidades e a preservação da cultura em sua comunidade.

E nessa perspectiva afirma Freire (1970):

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a revolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. (FREIRE, 1970, p.53)

Para o autor o (a) educador(a) não pode ser apenas um transmissor de conhecimento e de um conteúdo estático, mas este(a) deve ensinar os (as) alunos(as) a pensar e problematizar a partir de suas realidades, de forma a reproduzir conhecimento através das trocas de experiências entre educandos (as) e educadores (as) por meio do diálogo, no intuito de fazer com que os alunos(as) se reconheçam como sujeitos ativos em seu processo educativo, no intuito de desenvolver sua emancipação e criticidade para atuar na sociedade em que eles(as) vivem.

Dessa forma busquei relacionar as dificuldades enfrentadas por mim no meu processo de escolarização na escola do Campo com o contexto vivenciado pelos professore(as)s e alunos(as) da zona rural durante a pandemia e o ensino remoto nas escolas do Campo, o qual mostrou-se o grande desafio para a prática docente, pois percebe-se os impactos negativos do ensino remoto, principalmente para a classe menos favorecida, pelo fato de que a grande maioria dos alunos (as) são

filhos(as) de agricultores(as) que dependem da agricultura de subsistência para o sustento de suas famílias, além disso estes(as) possuem pouca ou até mesmo nenhuma instrução seja para auxiliar seus filhos(as) nas atividades ou para o manuseio de determinados recursos tecnológicos (celular, notebook, computador etc.), e principalmente a falta de acesso à internet.

O ensino remoto revelou as dificuldades enfrentadas tanto pelos (as) alunos (as) da zona rural quanto para a o exercício docente devido à falta de acesso à internet, e as possibilidades para o uso das tecnologias trouxe mudanças para o campo pedagógico, onde os (as) mesmos(as) expuseram as maiores dificuldades enfrentadas nas suas práticas docentes em razão do ensino remoto na pandemia.

Com base no questionário aplicado, foi filtrado as informações necessárias, em seguida foi realizado o quadro 02 que consiste no levantamento das dificuldades mais recorrentes enfrentadas pelos(as) docentes durante o ensino remoto na zona rural.

Quadro 2- Pseudônimos e dificuldades para o ensino remoto

Dificuldades Pseudônimos	Falta de planejamento para o ensino remoto	Falta de comunicação com alunos(as)/ mães e pais	Dificuldade de acesso à internet	Falta de formação para uso das TDIC's	Falta de aparelhos eletrônicos
Timbaúba	X	X	X	X	X
Ypê Roxo	X		X	X	
Ypê Amarelo	X	X	X	X	
Barriguda	X		X	X	X
Umbuzeiro	X	X	X	X	
Mangueira	X	X	X	X	X
Mandacaru	X		X	X	

Fonte: Autoria própria (2022)

Diante a isso, percebo o quanto a pandemia mostrou a desigualdade social seja no acesso à educação seja no direito a educação pública de qualidade, principalmente para as camadas mais pobres da população brasileira, e a inexistência de políticas públicas sociais de forma emergencial que atendesse de fato as necessidades pela falta de acesso por meio de aparelhos tecnológicos para auxiliar os(as) alunos(as) para a modalidade do ensino remoto, quanto para o auxílio aos professores(as) por meio de formação e capacitação tanto para o uso das tecnologias quanto à possibilidade de acesso à internet para os alunos(as), além disso estes(as) se viram sobrecarregados para o cumprimento e realização das demandas nas atividades remotas, tendo que muitas das vezes se reinventarem para tentar garantir na medida do possível que o ensino remoto acontecesse na realidade conforme as necessidades e especificidades dos (as) os (as) alunos (as) da zona rural.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho tem sido como uma “colcha de retalho” que cobre o leito das camas na zona rural, na qual as peças foram costuradas através da “relação educativa dialógica” proporcionada pelos componentes curriculares: Ensino de História, Educação Sociedade e Meio Ambiente, Educação do Campo e Trabalho e Educação, os quais trouxeram significativas contribuições para a minha formação pedagógica, pois me despertaram para uma reflexão crítica sobre os desafios enfrentados no exercício docente nas escolas do campo nas suas vivências durante a pandemia da Covid-19, as angústias dos(as) professores(as) diante da grande dificuldade dos alunos (as) da zona rural pela falta de acesso à internet. Bem como o grande aprendizado proporcionado pelas experiências e relatos dos professores(as) neste trabalho, e ainda mais nas escolhas das as árvores para representar os pseudônimos dos (as) docentes, e a rica contribuição da banca para minha formação acadêmica. Assim, com essa formação de “uma colcha de retalho” do sítio, que cobriu a cama de alguém, está cobrindo a cama acadêmica nossa.

Em suma, essa pesquisa ressaltou a importância de (re)pensar a educação no Campo, inserindo as TDIC's de forma mais eficiente dentro do processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista a inserção na 4^o Revolução Industrial e,

conseqüentemente, uma educação 4.0. Estamos em um processo de transição da sociedade 3.0 para 4.0 e este processo é complexo e longo, requer muita dedicação de toda equipe didático-pedagógica, dos alunos e pais/responsáveis também da comunidade escolar. É preciso valorizar cada vez mais a interação entre professor - professor, aluno - aluno e professor- aluno, vice-versa.

O aprendizado mútuo é um dos aspectos mais eficientes dentro do período pandêmico que estamos inseridos e da aprendizagem como o todo. Na mesma medida em que aprendemos com esse contexto, estamos vivendo incertezas quanto às políticas públicas voltadas à educação, e por este motivo que precisamos formular novas concepções práticas e eficientes que produzam cidadãos críticos e justos. Notadamente, existe uma grande dificuldade por parte de todos os membros das unidades escolares no enfrentamento a essa Pandemia, ressaltando o agravamento desse entrave diante de uma ausência de uma política pública realmente comprometida com a educação, ocasionando, entre outras conseqüências, o desgaste dos professores diante de muitas cobranças por parte da Secretaria de Educação, assim como, o desinteresse dos próprios estudantes pelo modelo ensino remoto.

Com a pandemia da Covid-19 muitos questionamentos têm sido levantados. A própria função social da escola se tornou tema de debates e interrogações, a suspensão das aulas se revelou um entrave para os pais e mães trabalhadores que tinham na escola, um suporte para sua jornada fora de casa, forçando os pais a darem uma assistência que muitas vezes estão despreparados para assumir. A perda em nível de aprendizado, para os alunos, é uma das mais graves conseqüências, um problema que merece ser debatido amplamente. Como minimizar essas perdas? Como os docentes podem trabalhar conjuntamente para dar um sentido de continuidade ao currículo escolar nesse período de aulas remotas? Como as secretarias de Educação podem intervir nessa problemática? O que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica? São temáticas a serem amplamente debatidas pela comunidade escolar e pela sociedade.

Para tanto, é necessário repensar o currículo e as práticas educacionais de forma que se objetive oferecer um ensino remoto com maior qualidade, buscando

minimizar as discrepâncias sociais existentes que permeiam nossa sociedade. Urge que o ensino remoto possa atingir o maior número de alunos possível, porém é nítido que o Currículo escolar foi pensado em benefício das classes dominantes, em detrimento da maioria da população.

Nesse sentido, a pandemia evidencia esse retrato social discriminatório, tal como o currículo tradicional. É preciso vislumbrar novas perspectivas para compor esse novo currículo, para que tenham verdadeira efetividade na construção do conhecimento, apesar da educação ter relevado a importância mínima o uso de tecnologias como metodologia educacional, por muitos anos, esses conceitos não conduzem mais com a realidade mundial, é necessário um investimento cada vez maior nas áreas de tecnologia, assim como na formação profissional voltada para o uso eficiente desses instrumentos, que dará uma nova e vibrante perspectiva ao processo educativo.

Com isso, percebeu-se que através das entrevistas realizadas com os(as) docentes atuantes nas escolas públicas da zona rural de municípios vizinhos a Cidade de Campina Grande-PB, mostrou de um lado os desafios enfrentados pelos mesmos(as) no processo de ensino e aprendizagem devido à falta de acesso à internet, e do outro que a Educação no Campo não pode mais se distanciar do inovador universo tecnológico.

Dessa forma, professores(as) precisam repensar suas práticas pedagógicas, trazendo definitivamente, para suas salas de aula, as tecnologias enquanto instrumento aliado à educação, mas para isso é preciso que o Estado promova de fato políticas públicas sociais voltadas para a Educação no Campo, por meio da capacitação de professores(as) para uso das TDIC's, disponibilizar aparelhos eletrônicos gratuitos para todos os alunos(as) das escolas públicas, principalmente "redes" de internet gratuita para facilitar o acesso à internet nas zonas rurais.

Logo, a Educação no Campo sob qualquer modelo (remoto ou presencial), se configura como um imenso desafio a ser enfrentado, onde apenas a superação das desigualdades sociais, pode ser capaz de transformar a realidade dos alunos, especialmente da rede pública de ensino na zona rural.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, E. P. (2020). EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. Em Rede - Revista De Educação a Distância, v 7. 2020, p. 257-275. Disponível em: <https://doi.org/10.53628/emrede.v7.1.621>. Acesso em: 23 ago. 2021.

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Por uma educação no campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BEHAR, Patrícia Alejandra. **O ensino remoto emergencial e a educação à distância**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia>. Acesso em: 23 ago. 2021.

BUCZENKO, Gerson Luiz; ROSA, Maria Arlete. **EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA E EDUCAÇÃO DO CAMPO: CAMINHOS EM COMUM**. GT22 - Educação Ambiental – Trabalho 516. 38ª Reunião Nacional da ANPEd – 01 a 05 de outubro de 2017 – UFMA. São Luís-Maranhão. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT22_516.pdf. Acesso em: 19 abr. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **Os três estados do capital cultural**. Tradução: Maria Alice e Afrânio Catani (Orgs.) – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, 2ª edição. pp. 71-79. Disponível em: disciplinas.usp.br/pluginfile.php/5680958/mod_resource/content/1/BOURDIEU%2C%20Pierre.%20Os%20três%20estados%20do%20capital%20cultural.pdf. Acesso em: 21 abr. 2022.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Medida Provisória** nº 934, de 1º de abril de 2020. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 01 abr.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL (Brasília). Diário Oficial da União. **LEI Nº 14.040, DE 18 DE AGOSTO DE 2020** 18 de agosto de 2020; 199º da Independência e 132º da República. **Edição: 159 | Seção: 1 | Página: 4**. Estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020; e altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Rio de Janeiro: Ministério da Fazenda, 13 set. 2006. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.040-de-18-de-agosto-de-2020-272981525>. Acesso em: 23 ago. 2021.

BRASIL (Brasília.) MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CONSELHO PLENO. **Resolução CNE/CP 2/2020**. Institui Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas pelos sistemas de ensino, instituições e redes escolares, públicas, privadas, comunitárias e confessionais, durante o estado de calamidade reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. **Diário Oficial da União, Brasília, 11 de dezembro de 2020, Seção 1, pp. 52-55.**

HUNNING BIRNFELD, L; Francisca. C; André. **DO AMPLO CONCEITO DE MEIO AMBIENTE AO MEIO AMBIENTE COMO DIREITO FUNDAMENTAL**. Ano 2 (2013), nº 3, 1705-1717/ ISSN: 2182-7567. Disponível em: https://www.cidp.pt/revistas/ridb/2013/03/2013_03_01705_01717.pdf. Acesso em: 27 mar. 2022.

CALDART, Roseli Salete. (Org.). Dicionário da Educação do Campo. In: **Educação do campo**. Pág. (257-265). Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/1191.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2021.

CECCON, Claudius; Oliveira, Miguel Darcy de; Oliveira, Rosiska Darcy de. A vida na escola e a escola da vida. In: **Nem todos tem acesso à educação**. Editora Vozes Ltda. ed. 24. Petrópolis, RJ. p.24-25.

CORDEIRO, K. M. A. **O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino**. 2020. Disponível em: <http://oscardien.myoscar.fr/jspui/bitstream/prefix/1157/1/O%20IMPACTO%20DA%20PANDEMIA%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20A%20UTILIZA%C3%87%C3%83O%20DA%20TECNOLOGIA%20COMO%20FERRAMENTA%20DE%20ENSINO.pdf>. Acesso em: 01 fev. de 2022.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Diretrizes de uma caminhada. In: ARROYO, Miguel Gonzáles; CALDART, Roseli Salete.; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por Uma Educação do Campo**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 133-145.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

HODGES, C.; MOORE, S.; LOCKEE, B.; TRUST, T.; BOND, A. **Diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência**. EDUCAUSE Review, 2020. Tradução: Danilo Aguiar, Dr. Américo N. Amorim e Dra. Lídia Cerqueira, com a permissão dos autores. Revista da Escola, Professor, Educação e Tecnologia, v.2, escribo.com/revista. Disponível em: <https://escribo.com/revista/index.php/escola/article/view/17/16>. Acesso em: 27 mar. 2022.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/alagoa-nova.html>. Acesso em: 19 abr. 2022.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: O novo rumo da informação. *In: Tecnologias também servem para fazer educação*. Campinas- SP. Papirus 2007, (Coleção Papirus Educação).

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: O novo rumo da informação. *In: DAS SALAS DE AULA AOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM*. Campinas- SP. Papirus 2007, (Coleção Papirus Educação).

LIMA, DRA. Michelle Castro; AZEVEDO, MA. Sabrina David de; NASCIMENTO, MA. Ana Lúcia Ribeiro do. Artigo: **Currículo e práticas docentes durante a pandemia de 2020**. Dossiê Educação Brasileira EAD no contexto da Pandemia de Covid 19, perspectivas e desafios. ISSN 1807 6342, volume 16, ano 1, ano 2020.

MACHADO, Karen G. Weber; SOSO, Felipe S. e KAMPPFF, Adriana J. Cerveira. **Aulas On – line no Contexto da Educação Superior em Tempos de Pandemia**. *Currículo sem Fronteira*, v. 20, n. 3, p. 633 – 655, set./ dez. 2020.

MARTINS, Jéssica Vieira; KLEIN, Delci Heinle. **O LIVRO DIDÁTICO E SUA (SUB) UTILIZAÇÃO: possibilidades em tempos de pandemia**. Revista Acadêmica Licencia&acturas-(ISEI). ISSN versão eletrônica: 2525-5754. v. 9, n. 2, 2021. Disponível em: <http://www.ieduc.org.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/246/198>. Acesso em: 22 abr.2022.

LEITE, Maria das Neves Tiburtino. **AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES DA ESCOLA NO CAMPO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**. PATOS–PB, p.33.2020. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/xmlui/handle/177683/1630#:~:text=As%20maiores%20dificuldades%20nesse%20contexto,atividades%20propostas%20para%20os%20alunos>. Acesso em: 22 abr. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. Disponível em: MC2019 Minayo Pesquisa Social- sobre pesquisa qualitativa.pdf. Acesso em: 01 fev. de 2022.

SOARES, Maria José Nascimento. (Org.) *et al.* **EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES**. *In: MÉLO, C.; F.; T.; BARROS, J.; C.; P. EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM OLHAR REJUVENESCIDO SOBRE A NATUREZA NATURAL*. Aracajú, SE: Criação Editora, 2020.p,47-60. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2021/03/educacao-ambiental-site.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2022. *E-book*.

SOARES, Maria José Nascimento. (Org.) *et al.* **EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES.** *In:* CLEVE, J.R. (Org.) COVID – 19 E MEIO AMBIENTE: UMA VISÃO. Aracajú, SE: Criação Editora, 2020. p.103-112. *E-book*.

UNESCO - **Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, Educação: da interrupção à recuperação**, Paris, 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 07 abr. 2022.